

“Capitalismo vive crise que parece ser civilizacional”

O catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra entende que a crise envolve os tempos financeiro, económico, energético e ambiental-climático

O sociólogo Boaventura de Sousa Santos considerou ontem, em Coimbra, que o capitalismo atravessa “uma crise muito significativa e complexa”, que “parece ser uma crise civilizacional”. “Já não é apenas uma crise económica, mas parece ser uma

crise civilizacional”, considerou o director do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra (UC), na conferência inaugural do colóquio internacional “Desafios aos direitos humanos e à justiça global: a luta pela igualdade e pelo reconhecimento da diferença”.

Na sua palestra, intitulada “Direitos Humanos ante os Desafios da Desigualdade Social e da Diversidade Cultural”, o sociólogo disse que, apesar de complexa e significativa, “não parece que esta seja a crise final do capitalismo”. “Não se vislumbra o fim do capitalismo, mas também não se imagina que não tenha fim, porque tudo o que existe na História tem fim”, referiu, adiantando que “não

sendo uma crise final, também não se imaginam soluções”.

De acordo com o catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, esta crise assume “quatro tempos diferentes, contraditórios”: o tempo financeiro, económico, energético e ambiental-climático. “O mais significativo nesta crise é que ela não foi produzida pelas forças progressistas que se afirmaram ao longo dos últimos 30 anos como forças de esquerda, ela resulta do suicídio do neoliberalismo”, sustentou.

Na sua intervenção, Boaventura de Sousa Santos defendeu “uma construção contra-hegemónica dos direitos humanos”, baseada em três orientações, nomeada-

mente em “descolonizar o poder e o saber, democratizar a democracia e produzir para viver e para deixar viver”. “A maioria dos cidadãos do mundo são objectos de direitos humanos, não sujeitos de direitos humanos. É necessário criar uma imagem reinventada, reenergizada dos direitos humanos para abrir e dignificar as emergências dos direitos humanos como uma linguagem forte de emancipação”, defendeu.

DIREITOS HUMANOS DECISIVOS

Ao intervir na sessão de abertura do colóquio, Pedro Duarte Silva, chefe de gabinete do secretário de Estado Adjunto do ministro da Justiça, considerou que os direitos humanos constituem “o Alfa e o

Ómega de um Estado de Direito”

“O Alfa, porque os direitos humanos são o princípio fundacional de um Estado de Direito, cuja estruturação e procedimentos neles assenta e com eles concorda. O Ómega, porque os direitos humanos são o horizonte escatológico de um Estado de Direito, que jamais poderá eximir-se a incessantemente os garantir e procurar promover”, considerou o chefe de gabinete, que representou o secretário de Estado José Conde Rodrigues.

Especialistas portugueses e estrangeiros participam no colóquio que termina hoje no auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra, organizado pelo CES e inserido nas comemorações dos 30 anos desta instituição de investigação.